

## Cadernos do



### Ficha catalográfica

Cadernos do NEMP, n. 7, v.1 [org. Bruno Cavalcanti Lima; João Carlos Tavares da Silva]. Rio de Janeiro: NEMP, Núcleo de Estudos Morfológicos do Português, 2016.

Anual

ISSN 2236-9325

1. Língua Portuguesa. 2. Morfologia. 3. Interface Fonologia-morfologia. 4. Semântica. 5. Interface Morfologia-semântica.

I. Núcleo de Estudos Morfológicos do Português. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

© 2016, Núcleo de Estudos Morfológicos do Português  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Todos os direitos reservados

## **Cadernos do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português)**

Faculdade de Letras da UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151, sala D-01 (3º andar)  
Cidade Universitária – Rio de Janeiro/RJ  
CEP 21941-917  
www.nemp.com.br  
nemp@gmail.com

**Editor responsável:**  
Carlos Alexandre Gonçalves

**Organizadores deste número:**  
Bruno Cavalcanti Lima  
João Carlos Tavares da Silva

**Pareceristas deste número**  
Marisandra Costa Rodrigues (UFF)  
Neide Higino da Silva (UFRJ)  
Regina Simões Alves (SME)  
Vítor de Moura Vivas (IFRJ)

**Revisores**  
Carlos Alexandre Gonçalves  
Bruno Cavalcanti Lima  
João Carlos Tavares da Silva

**Capa**  
Katia Emmerick Andrade

## APRESENTAÇÃO

Com temática livre, mas com foco nos estudos de morfologia do português, chega a público o sétimo volume dos Cadernos do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português). Esta edição apresenta quatro trabalhos artigos inéditos.

Isabela Feliciano Moreira e Carlos Alexandre Gonçalves analisam o formativo *tecn(o)-*, no português do Brasil, à luz de recentes estudos sobre as diferenças entre os principais processos de formação de palavras: composição e derivação (BAUER, 2005; BOOIJ, 2005; KASTOVSKY, 2009). O principal objetivo do trabalho consiste em comprovar, por meio da análise do formativo *tecn(o)-*, que os limites entre radical e afixo e, conseqüentemente, entre composição e derivação não se dão de maneira tão clara e delimitada. Assim, sugerem que a proposta de *continuum* no processo de formação de palavras constitui solução mais adequada para a questão, uma vez que o formativo porta atributos dos dois processos.

Em seguida, Regina Simões Alves questiona o porquê de se ter, na língua portuguesa, tantos afixos com sentido de aumento, a exemplo de *-ão, -aço, -ada, -aria, -eiro (a), -udo, -ento e -oso*. Observa que diferentes sufixos podem ser adjungidos a uma mesma base e os produtos não compartilham, na maioria das vezes, da mesma interpretação, como em ‘cabelão’, ‘cabelada’, ‘cabeleira’, ‘cabeludo’; ‘piolhão, piolhaço’, ‘piolhento’, ‘piolhada’, ‘piolhudo’ etc. Alguns afixos passaram a imprimir o sentido de aumento mesmo quando a língua já dispunha de outros formativos para esse fim. O artigo objetiva observar a inflexão aumentativa adquirida por eles ao longo da história e mostrar que, a partir da constatação da afinidade semântica entre esses sufixos, é possível observar a relação semântica de aumento existente entre eles no processo de formação de palavras e defender que, de acordo com os princípios de Poder da Força Expressiva Maximizado e Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), essas formas não são sinônimas e surgiram para atender as necessidades comunicativas dos falantes, fato que explicaria a mudança que os dotou da capacidade de atualizar essa noção de aumento numa mesma base, ora com especificidades semânticas, ora com diferenças pragmáticas.

José Augusto Pires e Patrícia Affonso de Oliveira fazem uma análise das representações que os significados dos formativos *-ódromo* e *-homo*, mais especificamente o vocábulo *fumódromo* e o recomposto *homoagressor*, podem ativar de acordo com a circunstância em que se inserem, a partir de diferentes pontos de vista adotados. Utilizam como arcabouço teórico a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) e algumas de suas concepções básicas; a saber, Base, Foco, Evento e Ponto de vista (CUTRER, 1994), assim como as noções de Frame (FILLMORE, 1982) e Modelo Cognitivo Idealizado – MCI (LAKOFF, 1987). Tendo em vista que as descrições realizadas de *-ódromo* e *-homo* na literatura mais tradicional não contemplam satisfatoriamente as novas possibilidades de construção, o objetivo do texto é demonstrar a importância de uma perspectiva teórica que os detalhes de maneira mais efetiva.

Fechando este número, o artigo de Paula Pinheiro Costa analisa o fenômeno da

nasalização fonética em português, considerando, para tanto, não apenas a assimilação por uma nasal contígua (como nas tônicas de ‘mama’, ‘mana’ e ‘manha’), mas, sobretudo, o espraçamento por uma soante em sílaba não adjacente (como em ‘mortandela’ e ‘indentidade’. A abordagem parte do trabalho de Abaurre & Pagotto (2002), com o objetivo de checar se os condicionamentos da assimilação e do espraçamento são os mesmos.

Que nossos leitores possam desfrutar este novo número.

Bruno Cavalcanti Lima  
João Carlos Tavares da Silva  
(Organizadores deste número)

## Sumário:

Apresentação e créditos ..... 1

---

Tecnomorfologia ou morfológica tecno? Análise da partícula *tecn(o)* no português do Brasil ..... 3

Isabela Feliciano MOREIRA

Carlos Alexandre GONÇALVES

Um estudo sobre os afixos que figuram na construção de aumentativo: -ão, -ada, -aço, -aria, -ento, -eiro, -oso ..... 25

Regina Simões ALVES

Space builders:

os diferentes pontos de vista de 'fumódromo' e 'homoagressor' ..... 57

José Augusto de Oliveira PIRES

Patrícia Affonso de OLIVEIRA

Assimilação e espraiamento nasais:

delimitação e confronto de processos ..... 75

Paula Pinheiro COSTA